



GT 013. Antropologia da Técnica

Fabio Mura (PPGA-UFPB) - Coordenador/a, Eduardo Di Deus (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS/UnB) - Coordenador/a, Carlos Emanuel Sautchuk (Universidade de Brasília - Debatedor/a, Caetano Kayuna Sordi Barbara Dias (Universidade de Caxias do Sul) - Debatedor/a, Alessandro Roberto de Oliveira (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Goiás) - Debatedor/a

O GT Antropologia da Técnica chega a sua terceira edição tendo contribuído para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. A partir da definição de técnica como ato tradicional eficaz, oferecida por Mauss, a compreensão dos processos técnicos se desenvolveu com especial atenção para a diversidade de relações e interações entre humanos, artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral. Para compreender tais processos resulta significativo focar as práticas, os conhecimentos e as habilidades que estão na base das cadeias operatórias, não como mera projeção de uma tecnologia, mas como propriedades de ação sobre materiais. Neste sentido, pretendemos aqui salientar, entre os processos técnicos, o trabalho como ato que coloca as mãos em obra, centrado justamente na manifestação de habilidades práticas, fruto da experiência no ambiente, ele mesmo entendido como meio técnico, nos termos de Leroi-Gourhan. Infelizmente também se dá aos efeitos oriundos das intenções e de práticas técnicas que redundam na configuração de relações de poder. Tal proceder permite focar atos políticos voltados a mobilizar, ordenar e hierarquizar forças e materiais, não como em oposição à dimensão material, mas como técnicas de uso e de controle, fundamentais na formação de sistemas técnicos. Assim, espera-se aqui reunir trabalhos etnográficos e analíticos que foquem os processos técnicos na direção de tais preocupações.

Plantar, colher: works mais-que-humanos na cadeia operatória em uma lavoura de feijão

Autoria: Patrícia Postali Cruz

Este work etnográfico é apresentado como parte da tese que está sendo desenvolvida junto ao programa de Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina e em parceria com o grupo de pesquisa CNPq Coletivo de Estudos em Ambientes, Percepções e Práticas CANOA/UFSC. Essa exposição apresentará processos da cadeia operatória envolvendo os ciclos de vida e morte de coletivos de feijão em ambientes habitados por agricultores ecologistas. Procuro, também, enfatizar práticas cotidianas formuladas a partir da noção de eficiência, intimamente conectada aos esquemas locais de simbiose e perturbação, conceitos propostos por Tsing (2015). O work de campo foi realizado em terreiros de famílias de agricultores ecologistas na região sul do Rio Grande do Sul. Acompanhei o work de três famílias durante ciclos agrícolas entre verão e inverno de 2016/2017. A tese tem como proposta central intensificar a atenção aos processos de cultivo e às mediações entre intenções dos humanos e o fazer dos diversos trabalhadores nas lavouras, sejam eles humanos ou não-humanos. Assim, as propostas desta pesquisa acabaram reforçando o work de campo em uma família de agricultores de maneira mais intensa. Além disso, estas experiências consolidaram um entendimento em que as técnicas empregadas ou a própria utilização de uma ferramenta no percurso de uma atividade não são meramente uma sucessão de ações que levam a um resultado. Elas possuem uma ordem processional, onde o desencadeamento de uma atividade que leva à outra é mais importante do que o efeito final produzido por este processo. Ingold (2015) aborda este tema a partir da ideia de sequência operacional, uma chaîne opératoire conceito proposto por Leroi-Gourhan e atualizado por Ingold, o qual



seria uma série de passos. Eles juntos comporiam a montagem de um objeto completo, onde a relação estaria o tempo todo sendo ajustada. Assim, os ajustes rítmicos da cadeia são chaves para compreender as habilidades técnicas que estão envolvidas no processo. Outro elemento importante no que se refere às cadeias operatórias do fazer agricultura é a iminência da perturbação por agentes não-humanos, também fatores agrícolas. A atenção se volta aqui para o cuidado e um certo juízo que a tarefa executada exige. Plantar feijão não se trata tão somente sobre aquilo que os humanos que habitam os terreiros desejam retirar ou obter de seus ambientes, mas se trata também de ações direcionadas a outros seres vivos que fazem o outro fazer alguma coisa. Nesse processo, cheio de riscos, os direcionamentos técnicos buscam lidar com as manipulações dos mais diversos trabalhadores que fazem agricultura.



Realização:



Apoio:



Organização:

